



ENTREVISTA COM ROSA MAGALHÃES¹

Entrevista conduzida por
Milton Reis CUNHA JUNIOR²

A Entrevista de Milton Cunha com Rosa Magalhães versa sobre o movimento de interesse da academia do saber – a universidade – pelo carnaval, envolvendo pesquisas, grupos de jovens pesquisadores, alunos e produção de artigos acadêmicos sobre o tema. Foi realizada durante uma *live* no canal do YouTube Sambistas da Depressão, com a participação de Tania Conceição Clemente de Souza, professora do Departamento de Antropologia do Museu Nacional e criadora do Laboratório de Discurso, Imagem e Som (LABEDIS) e do Observatório de Carnaval (OBCAR). Algumas perguntas de participantes que assistiram à live foram selecionadas durante a sua realização e respondidas pela entrevistada.

M.C. Olá, queridos! Boa noite! Em nome do OBCAR, do LABEDIS, que é o nosso laboratório do Museu Nacional, quero agradecer a presença de todos vocês. Eu estou aqui com duas damas da

¹ Registramos, aqui, nossos sinceros agradecimentos a Rogério Santos Júnior, pela transcrição e pela primeira revisão da entrevista; e a Lilian Langhi, pela segunda revisão da transcrição.

² Tem Mestrado em Letras (Ciência da Literatura) (2006) e Doutorado em Letras (Teoria Literária - Ciência da Literatura) (2010), ambos pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, pesquisando narrativas de Joãozinho Trinta. Tem experiência na área de Educação, Televisão, Rádio e Carnaval, com ênfase em Artes e narrativas Culturais. Apresenta vasta experiência internacional em espetáculos de entretenimentos. E-mail: miltcunha@gmail.com.



inteligência nacional. Então, fico extremamente satisfeito de dividir a tela com a grande carnavalesca Rosa Magalhães e, antes dela, eu vou passar a palavra para a professora Tania Clemente, que é a nossa líder lá no Fórum de Ciência e Cultura, lá no Museu Nacional. Então, ela é criadora do LABEDIS, que é o Laboratório de Discurso, Imagem e Som; muito dedicada às línguas indígenas do Brasil. E ela criou, há três anos, junto com alunos, o Tiago (Freitas), Rodrigo (Rosa), o Observatório de Carnaval (OBCAR). Professora Tania, a senhora como nossa líder, a abertura é sua.

R.M. Isso!

T.C. Boa noite a todos que estão nos ouvindo! Boa noite, Milton (Cunha)! Boa noite, minha diva, a Rosa (Magalhães)!

R.M. Imagina!

T.C. Ah, sim! Com certeza, sempre foi!

Então, nós somos o Laboratório de Discurso, Imagem e Som. Laboratório que eu criei no Museu Nacional, onde eu sou professora e pesquisadora. O Laboratório acolhe vários projetos e, dentre os muitos projetos com os quais a gente trabalha, tem o Observatório de Carnaval (OBCAR), com a ideia do Tiago (Freitas) e do Rodrigo (Rosa), há três anos. E carnaval vai ser o nosso tema constante — não é, Milton (Cunha)? — em alguns trabalhos, que a gente está planejando fazer. No momento, graças ao Milton (Cunha), ao



Rodrigo (Rosa) e a mais dois meninos que trabalham comigo no Laboratório (de Discurso, Imagem e Som), a gente está oferecendo um curso sobre línguas indígenas... Nós já temos duzentos inscritos. O curso é um tributo ao grande líder aritana, que faleceu de COVID-19. Saiu uma reportagem pela (Faculdade de) Comunicação da UFRJ, muito bonita. Ele era um diplomata no Xingu, liderava várias tribos que viviam no Xingu. E, assim que nós terminarmos esse curso, a gente vai embarcar aí no carnaval: uma coisa de cada vez, não é, Milton (Cunha)?

M.C. Valeu, professora Tania. Obrigado, professora Tania pela abertura! Professora Rosa (Magalhães), a senhora me escuta bem, está claro, a senhora consegue ouvir as perguntas?

R.M. Escuto. Está! Está muito claro. Pode fazer as perguntas.

M.C. Então, está. Professora, como é que a senhora vê essa coisa da universidade, da academia do saber se interessando pelo carnaval, procurando fazer pesquisas, grupos de pesquisa, jovens pesquisadores, alunos... Como é que a senhora vê esse movimento todo?

R.M. Eu acho muito bom. Os artistas têm uma ligação muito grande desde a época do (Jean-Baptiste) Debret. Porque, quando chegou a (Maria) Leopoldina (de Bragança/de Áustria), ele fez a decoração da cidade para a chegada dela. Na coroação de Dom João VI, teve desfile de carro alegórico



ali no Campo de Santana. Tinha até tourada! Imagina! Tourada ali no Campo de Santana é muito engraçado. E era uma coisa um pouco feudal porque as guildas, os sindicatos de hoje, era assim... O sindicato de sapateiro fez um carro, o sindicato dos carpinteiros fez outro carro... Então, tem essa coisa muito do apelo popular. Também da coisa medieval, porque isso é um pouco medieval, não é? Essas guildas, essa coisa assim de se juntar pela profissão, não é? Depois, outros professores faziam uns concursos de estandarte. O estandarte valia ponto. Então eles pintavam... os donos dos estandartes levavam lá na Escola de Belas Artes para eles fazerem a pintura mais belíssima do mundo. E tem um ar, assim, de coisa erudita porque nem combina com a simplicidade do carnaval que era daquela época, a sofisticação desses estandartes. Quando tinha enterro antigamente, isso no século mil oitocentos e pedrinha, ia o corpo, o padre, o sacristão e a cruz; e, atrás, vinha um grupo tocando maior “carnavalzão”; e aí com estandarte pintado com caveira, eles tocando os tambores. Era uma coisa muito louca dessa interligação da festa e da religiosidade. Tudo meio misturado. Tem um desenho, se eu não me engano que é do (Johann Moritz) Rugendas, que retrata isso. Eu fui fazer uma cena de um enterro porque é aquela coisa do caixão não era coberto, não tinha tampa; e, às vezes, até alugavam o caixão porque enterrava só o miolo, o resto voltava. E aí eu segui aquela orientação lá toda, fiz o estandarte, eu mesma pintei a caveira para ter uma cara de pintura... E, na hora de montar a procissão, aí o diretor disse — Não! Mas isso é demais! Eu disse — Mas eu juro que era assim! Ele — É... mas não pode! Tira esses tambores daí, porque não vai ter... E aí, eu tirei o estandarte. Eu pintei com tanto carinho... eu me lembrei dos pintores da Escola de Belas Artes, pintando aqueles estandartes que saíam no



carnaval. E, aí, depois, concluindo, quer dizer, tem essa tradição: o erudito está sempre se misturando. Eu acho muito bom! Porque um dá alento para o outro, não é? Cada hora... não é só... Não é compartimentado. Nada é compartimentado! Então, é uma troca. Você ganha muito, você dá muito. Então, é assim que funciona. Eu acho.

M.C. Professora (Rosa Magalhães), a senhora foi uma jovem, uma moça estudante das Belas Artes. Como é que a senhora ouvia falar do carnaval? A senhora queria trabalhar no carnaval? Era um projeto da sua vida?

R.M. Não! Eu nem sabia que carnaval existia para te dizer a verdade! Quer dizer, eu sabia de baile de carnaval! Mas nunca tinha visto um desfile na minha vida! Eu não costumava passar o verão aqui, sempre ia para fora (do Brasil)... Eu gostava muito de chegar ao Rio para começar as aulas, passar pela (Avenida) Presidente Vargas e olhar aquelas decorações bonitas. Às vezes, a gente chegava meio à noite assim, aí já estava acesa, era muito bonito. Eu achava aquilo lindo! Mas não tinha essa ligação. Eu não sei para baile... Isso aí eu ia, é claro! Porque eu era jovem, eu ia para os bailes de carnaval, como todo mundo ia. Mas não via desfile não! Essa coisa de carnaval foi entrando na minha vida meio que sorrateiramente.

M.C. Professora (Rosa Magalhães), a sua entrada é muito falada no carnaval, no grupo de alunos do Fernando Pamplona. E aí o Pamplona também está muito ligado, sempre, à figura do Arlindo (Rodrigues). Então, a gente fala demais de (Fernando) Pamplona,

de Arlindo (Rodrigues) e do séquito de alunos que trabalharam, parará... É isso mesmo? Isso tanto que a gente fala está tudo certo? Foi assim mesmo?

R.M. É. O que acontece é o seguinte: o (Fernando) Pamplona, ele era um homem que tinha várias atividades, ele não tinha uma atividade só: ele dava aula, ele trabalhava em televisão, ele fazia teatro, ele fazia palestras, ele fazia cenário do (Theatro) Municipal (do Rio de Janeiro), que era outro contexto, era uma coisa mais volumosa, digamos assim. Foi lá que ele conheceu o Arlindo (Rodrigues). O Arlindo (Rodrigues)... é uma espécie de discípulo dele também. E ele, como chegou lá muito cedo, com dezessete anos, o que aprendeu, aprendeu lá no Theatro Municipal. É claro que o Theatro (Municipal) é perto da Biblioteca Nacional, perto do Museu de Belas Artes... Isso tudo fazia uma teia ali... Os bares eram do lado, na (Rua) Araújo Porto Alegre... Tinha uns bares que eu não me lembro mais o nome, que o povo ia para lá depois da aula... Tinha todo um ritual de trabalho meio misturado com conversa. Eu me lembro de que teve um trabalho que era para repaginar a entrada do prédio da ABI (Associação Brasileira de Imprensa); nós fomos para lá medir aquilo tudo e foi uma confusão do caramba para fazer esse projeto de reformulação da portaria e tal. Então, o que aconteceu quando a gente foi para a “feiolândia”, que é lá no Fundão... Agora está parando com esse negócio, tanto que a (Faculdade de) Filosofia não foi, tem uma parte do (curso de) Direito que está ali junto do (Hospital) Souza Aguiar, a (Faculdade de) Filosofia não foi... Porque esse negócio de juntar todo mundo lá num lugar bem longe é complicado! É verdade que você tem espaço. Isso tem. Mas



ficou um pouco abandonado também. Você não sente a cidade como parte integrante daquela confusão toda ali dos estudantes etc. Eu compreendo que era para tirar... já fechamos muitas vezes a (Avenida) Rio Branco e a Rua México, e não passar nem ônibus, você vê! Na época ali cabeluda. E tem até um filme — que eu não sei se você viu — é um filme muito engraçado, acho que era do Peter Sellers, que se chamava “O rato que ruge”. Era um paisinho bem pequenininho, menor do que Liechtenstein, quase uma cidade, que está sendo pressionada por outros países grandes, não sei o quê... Até que jogam uma bomba lá, e a bomba não explode; e eles que não tinham nada ficam com uma bomba. Então, começam a dar ordens, havendo a prepotência... é muito engraçado, muito interessante esse filme... como é que o enredo inteiro vira de cabeça para baixo em função dessa bomba. E eu me lembro de que, uma vez, a gente estava na aula, começaram a jogar bomba de gás; e uma bomba não explodiu. Mas isso foi um sucesso tão grande que eu só me lembrava desse filme. A gente com aquela bomba. A gente tinha uma bomba só! Mas tinha! Era muito engraçado. Aquela bomba passeava: “Olha a bomba!”, “Nós temos uma bomba também!” São coisa que são inesquecíveis.

M.C. Professora (Rosa Magalhães), você fez o desfile sobre o (Fernando) Pamplona, foi um triunfo pessoal, de crítica... Todos nós que amamos o carnaval, a gente viu ali muito bem desenhado uma homenagem respeitosa, emocionada. E, aí, agora, a senhora se debruça sobre outro ícone. Homenagear os seus amigos, homenagear pessoas com quem a senhora estava bem próxima, isso, de alguma forma, é bacanérrimo, é mais prazeroso,



mexe mais com seu coração? Como é se debruçar sobre as obras desses criadores?

R.M. Eu acho que é mais difícil. Porque você não tem um distanciamento muito grande, quer dizer, é mais complicado. Às vezes, as coisas que são importantes para você não são importantes para outras pessoas. Então, você tem que ter essa visão de o que vai interessar dentro de um contexto muito grande, que você tem que escolher as coisas que vai apresentar.

M.C. O texto já está pronto, professora (Rosa Magalhães)? Quando é que a senhora solta o texto sobre o Arlindo (Rodrigues)?

R.M. Olha, até o final do mês, está pronto. Mas eu não sei. Quem vai resolver isso é o Marquinho e a Kátia. Porque, se não tiver a *live*, se não tiver que fazer concurso agora, a gente vai queimar o negócio. Então, eles é que vão resolver quando é que (publiciza)... Mas eu já fiz a pesquisa inteira, já li exaustivamente, já tirei muitas dúvidas, entendeu? Muita coisa interessante...

M.C. Professora (Rosa Magalhães), ele tem parentes que cuidam da obra dele, do espólio, do direito autoral? Como é isso?

R.M. Olha, direito autoral, não sei como é que é. Porque, se você paga um trabalho... uma cenografia e recebe por aquele trabalho, você deixa de ser dono daquele cenário. Quando você vai remontar, você naturalmente vai receber um percentual, mas... Direito autoral é uma coisa ainda muito atrapalhada no Brasil.



M.C. Mas ele tem que cuide?

R.M. Agora, a família tem. Tem dois sobrinhos, uma sobrinha e um sobrinho. Um sobrinho que é engenheiro, e uma moça que faz revisão de texto. Isso é o que eu sei. Mas, o material todo, o Ricardo recebeu da família. E fez uma exposição muito grande, uma vez, e ficou com esse material: está todo com ele.

M.C. Quem é Ricardo, professora (Rosa Magalhães)?

R.M. Ricardo é um cientista lá da FIOCRUZ. Agora se aposentou e gosta de carnaval. A mãe sempre saiu na Imperatriz (Leopoldinense). E ele sempre saiu na Imperatriz (Leopoldinense) também. E tem uma adoração pelo Arlindo, uma paixão muito grande. Então, eu acho que isso fez com que a família desse para dele todo esse material que ele tem: programas de óperas e de balés etc.

M.C. Professora (Rosa Magalhães), a senhora está empolgada, a senhora acha que está difícilimo, que está emboladérrimo ou não? Está tudo embolado no sentido de que está tudo difícilimo por causa da pandemia e de que isso mexe muito com o processo?

R.M. Está. Está tudo difícilimo. Primeiro, o seguinte: tem a pandemia. Ninguém vai dizer que não tem! Segundo, eu sinto que, às vezes, a gente vira refém de certos políticos, que não pensam muito claramente. Eu não quero dizer quem é, mas o povo está vendo. Pelo amor de Deus, não é?! E



eu acho que a primeira coisa que você tem que fazer é preservar vida dessas pessoas. Já morreram mais de 150 mil brasileiros. Isso não é pouco não! São dois sambódromos e mais um pouco lotados de gente! Então, eu acho que é uma sensibilidade muito grande com o ser humano, com o brasileiro, sabe? E cada um tem que fazer a sua parte. Que vários não estão fazendo! Sobretudo, os governantes! Eu acho que estão pisando na bola feio. Eles é quem deviam dar o exemplo.

M.C. Professora (Rosa Magalhães), como é que a senhora está enfrentando essa solidão aí na casa? Eu fico pensando é a senhora e as meninas que cuidam aí? A cachorrada está pulando em cima da senhora? Os macacos estão todos na cerca? Como é que está isso?

R.M. A cachorrada vai bem. Já até vacinei aqui. O veterinário entrou de máscara, pegou no quintal os cachorros. Ficaram meio rebeldes porque ninguém gosta de tomar vacina. Eles não gostam. Mas o resto, meu filho, eu vou indo. Já colhi mamão, já colhi muita manga. Agora estou fazendo doce. É tanta manga que não dá para ficar chupando tanta manga assim! Estou fazendo doce, botando nos potes... Estou me sentindo uma Tia Anastácia, sabe como? Vamos fazendo aí! E vou levando. Vai fala: o que que você pensou?

M.C. Pensei agora que o outro pesquisador da sua obra... Eu pesquisei, fiz o pós-doutorado sobre a sua obra e tem também, no OBCAR, o Leonardo Bora que fez o doutorado sobre a sua obra. Então, a senhora tem grande laços aqui dentro desse núcleo de estudos porque, tanto eu quanto o Leonardo, a gente já se



debruçou sobre a sua obra. A professora Tania (Clemente) edita a revista Policromias – extremamente, bem-conceituada – e aí ela teve a ideia: Milton, vamos fazer, no mês de novembro (de 2020), um capítulo com Rosa Magalhães. Vamos entrevistá-la. E aí estamos aqui para fazer esta entrevista e tal, para andar com essa ideia da professora Tania (Clemente). Aí eu pedi para os alunos que ingressando na iniciação científica, são onze alunos... Aí a ideia era quais são as curiosidades que esses alunos, que estão ingressando, têm sobre a sua obra. E aí é um sucesso porque a senhora, você Rosa, faz um sucesso com o povo que está ingressando... Como você se sente sendo tão amada, aplaudida, reverenciada... Como é que isso bate no teu coração?

R.M. Ah, muito bom, meu filho! Porque, imagina, é tanta gente que morre e é reconhecido depois e tem esse agrado todo depois... Não! Vamos aproveitar! Ótimo! Muito bom. Agradeço muito a todos que gostam do que eu faço. Fico muito feliz.

***M.C.** Professora (Rosa Magalhães), então, eu começo com a primeira pergunta, que é da porta-bandeira Squel Jorgea.*

R.M. Ah, legal!

***M.C.** Ela pergunta... Ela entrou agora na nossa iniciação acadêmica. Ela pergunta para a senhora o seguinte:*



● ● ●

“Rosa, você começou a trabalhar no carnaval lá em meados dos anos sessenta como assistente do...”

R.M. Não, sessenta não!

M.C. Não?!

R.M. Setenta!

M.C. Setenta?!

R.M. Setenta!

M.C. Então, sente, zero, você começa.

R.M. Sete, zero. Comecei. Eu e a Alicia (Lacerda).

M.C. Você e Alicia (Lacerda).

R.M. É. Isso!

M.C. Aí a Squel continua: “um ambiente marcado pela presença majoritariamente masculina. E aí, já em sessenta e quatro, a senhora já começa a sua carreira solo. A senhora é praticamente a única mulher que se faz presente desde a sua estreia e tem atravessado décadas como uma importante referência artística



e feminina nesse universo de ...e homens carnavalescos. Como você avalia a resistência feminina ocupando lugar de destaque nesse leque da história do carnaval?”

R.M. Eu acho que, quando a gente vai trabalhar, a gente não pensa se é mulher ou se é homem. Não tem essa conotação. É claro que evoluiu muito a relação, não é? Porque me lembro de que, quando a gente estava fazendo o “Pega no ganzê”, eu nunca fui ao Salgueiro, eu nunca fui à quadra. A Augusta também não ia não. Ficava lá quietinha no lugar dela. Quem ia era o (Fernando) Pamplona. Ele levava os figurinos, ele que explicava como é que fazia... Então, já era uma coisa um pouco esquisita para as mulheres. A liderança era masculina. Aos poucos é que vai indo, assim... Passo de cágado, não é?! Para você poder ser acreditada, não é? Eu me lembro de que, quando eu fiz a decoração da [inaudível, 24:45] para eles. E aí tinha que ficar lá de noite, porque o trabalho lá começava dez da noite e ia até as sete da manhã. E aí eu estava lá vendo a montagem, e chegou um diretor da RIOTUR na época — eu acho que já chamava RIOTUR — e disse assim: “o que que a senhora está fazendo aqui? A sua família sabe que a senhora está aqui?” Sim! Tenho plena consciência. Minha família sabe onde eu estou (risos). Então, tem essa coisa assim engraçada, não é? ‘A senhora está fazendo o que aqui, não está em casa? Tem que ir para casa. Não é hora de ficar...’ Mas, depois, com o teatro também. Meu pai trabalhava em teatro, fazia tradução de filme... Eu me lembro de que eu ia para as cabines para ver o filme sem legenda, porque ele pegava o roteiro para traduzir, mas tinha que ver o filme também, não é? Para sentir o clima do filme etc. E eu ia... Com dez anos, eu ia para as cabines para assistir os filmes. Não interessa essa história de censura, eu



vou é assistir os filmes... E eu ia. Quer dizer, também, às vezes, a gente ia ao teatro e, depois, juntava um grupo lá na Florentina, de noite, assim, uma hora da manhã, assim... Ficava Ary Barroso, ficava o Braguinha... Ficava um povo lá, e eu ficava junto. Imagina, hoje, acho que ia chamar o juizado de menores para prender. Porque não deixava... Mas eu ficava lá vendo aquele povo todo, entendeu? Hoje eu vejo aquela estátua do Ary Barroso ali... Eu tenho um carinho muito grande porque eu me lembro muito dele.

M.C. Rosa, tu tens...

R.M. Então, você...

M.C. Rosa tu tens alguma hipótese de por que tem tão poucas carnavalescas mulheres?

R.M. Ah, porque é difícil mesmo ser...! Quem tem marido, filho... Filho fica doente, não pode ir... O marido tem ciúme, briga.. Tem que ter uma certa liberdade para poder não dar encrenca na família.

M.C. (Gargalhada)

R.M. É... Todo mundo tem ciúme... Todo mundo quer atenção... Tem hora que você nem tem horário... Você sabe muito bem disso, não é? É complicado.

M.C. Próxima pergunta vem do intérprete da Viradouro Zé Paulo Serra.



R.M. Sim.

M.C. Ele está fazendo a nossa iniciação científica, e ele pergunta: “Rosa, como você enxerga novas tendências criativas? Você acredita que pode acontecer algo fora da caixa, fora curva nesse engessamento de regras da competição da Sapucaí? Essa pressão de regras, esse engessamento e, ao mesmo tempo, essa pressão pela reinvenção que os carnavalescos precisam fazer... isto é um dilema para você?”

R.M. Olha... É complicado porque você vê coisas, assim, fantásticas, que você não pode usar. Não pode usar porque não tem dinheiro ou não pode usar porque é contra a regra... E outras coisas que dá vontade de você ter, e o dinheiro não alcança, não é? Então, às vezes, é um pouco frustrante. Tem uma série de coisas que impedem! O transporte, o peso, a fragilidade das coisas, a rapidez com que você faz, tudo é muito... Eu acho que o mais importante é ter segurança porque você está com muita gente ali e não pode brincar com isso. Às vezes, você até abdica de certas invenções em nome da segurança. Eu gosto de que... Destaque, por exemplo... Destaque para mim... Eu acho lindo destaque, acho lindo...! Deve ser difícilimo vestir aquela roupa! Mas eu acho uma beleza. Um destaque com aquela roupa, com aquele peso, com aquele garbo, num queijo balançando?! Eu acho inadmissível. Você está até jogando com a vida da criatura. E eles merecem um lugar de destaque seguro, confortável, em que ele se sinta bem... Eu mando todo destaque...: sobe esse queijo! Sacode! Vê! Está bom? Não está afundando nada? Não está grudando? Porque você tem que... Ele vai ficar feliz de ver



esse reconhecimento de que ele é importante. Todos são importantes. O que está empurrando é importante, o que está escondidinho é importante... Mas você tem que dar um ponto de cada vez para ir acertando as coisas todas.

M.C. Professora (Rosa Magalhães), nessas suas décadas de carreira, a senhora já viu várias cobranças de moderno, de criativo, não é? Como, a cada década, essa história volta. O moderno... O novo... A senhora viu muito, não é?

R.M. É. Não... E é assim: é igual a moda, não é? De dez em dez anos, muda. Se você reparar, vai tudo de minissaia. De repente, vestido... O carnaval também vai assim. Uma hora é tudo pelado, uma hora é tudo de peito de fora, uma hora é tudo vestido. Agora, por exemplo, não está na moda peito de fora. Não botem peito de fora que não está na moda! Eu acho isso ótimo, não é? Também tem essa coisa cíclica, não é?

M.C. É! Cíclico! Cíclico!

R.M. É cíclico.

*M.C. Próxima pergunta vem de Lucas Lopes, e ele diz:
“Professora, como é que você articula a produção artística no sentido da tua pesquisa de um enredo que não se limita a uma mera captação de patrocínio, mas que também permita apoio cultural?”
Então, analisando casos teus, Rosa, ele cita Salgueiro 91 a registro de apoio do Paraguai sobre o enredo da Rua do Ouvidor. E a*



senhora conseguiu articular a Guerra do Paraguai com o enredo. Primeiro de março é a data do final da Guerra do Paraguai. E o outro caso... E aí a senhora vai me dizer se esses casos que ele está citando se procedem ou se não procedem. Aí ele fala de um segundo caso: Campos dos Goytacazes 2002 e aí o viés dos índios Goytacazes... E a senhora fez uma abertura para a antropofagia indígena cultural e modernismo. Professora, o Lucas está querendo saber como é que a senhora se vira nessa questão de patrocínio e enredo patrocinado.

R.M. Esse do Paraguai, eu acho que... Não sei se teve patrocínio. Mas era o Miro que tinha negócios lá no Paraguai. Não sei se ele tinha fazenda, não sei o que que ele tinha... E aí ele queria ficar bem na fita, fazer uma gentileza, acho que foi um pouco por aí. E aí foi... Porque, realmente, para primeiro de março, não é tão fácil. (Risos) Eu não posso fazer nada. E aí foi assim: a Rua do Ouvidor é uma rua fantástica. Você vê... Meu primeiro assalto foi lá. Perdi tudo. E a gente tinha... Tinha a primeira joalheria... Tinha muita joalheria! Tinha muito relojoeiro... Tudo era lá. Era a rua do fato e do boato. Quer dizer, se você não passasse lá, você não era ninguém, entendeu? Era um pouco por aí. Mas aí essa foi um pouco para dar uma costurazinha. Campos, eu li para caramba... E aí chegou um livro que fala sobre a discussão do nome da câmara lá, a votação: se era Campos dos Goytacazes, se era só Campos... Tirava os Goytacazes... Até ganhou Campos dos Goytacazes. Aí foi, e eu, então, esses Goytacazes são importantes. Para ter uma discussão na câmara por causa do nome da cidade, por causa do



índio... Aí você já vai pesquisar, não é? O índio... Aí já abre um leque legal. Você vai naturalmente, não é?

M.C. Professora (Rosa Magalhães), o patrocínio...

R.M. (Acende um cigarro.)

M.C. Ele é um uma amarra, uma prisão? Ele é uma coisa que te exaspera? Como é que tu lidas com a questão de um patrocínio que vem para te segurar?

R.M. Ah, é um pouco difícil! Às vezes, é difícil. Mas a gente tem que pensar da melhor maneira possível como é que vai resolver aquele problema. E, às vezes, dá para fazer. Às vezes... Mas, dentro do possível, vamos tocando o barco. Porque você sabe que, no carnaval, sete milhões aí.. Você gasta mole. É uma coisa custosa. Não é baratinho.

M.C. Uhum. Não.

R.M. Com dez milhões, você não faz.

M.C. Não, não.

R.M. Para ter aquele esplendor, aquela beleza toda... Tudo tem que gastar dinheiro. É terrível. Mas dá um espetáculo bonito.



M.C. Professora (Rosa Magalhães), a próxima pergunta é do Crebim. Ele é o carnavalesco da escola de samba mirim da Grande Rio: Pimpolhos da Grande Rio. E é nosso (aluno de) iniciação científica. Aí ele lhe pergunta:

“Rosa, quais são os desafios de dividir concepção artística com outro artista em um desfile. Por exemplo, a tua parceria com a Alicia Lacerda. Como é dividir?”

R.M. Não era muito dividido. Era um pouco junto. Porque a gente fazia junto. Na hora de executar é que a gente dividia o trabalho porque ficava mais fácil e tal. Mas, geralmente, a gente desenhava junto na casa dela ou na minha casa. E aí um ia dizendo: isso aí não está muito bom não. Vamos trocar. E o outro: o que você acha desse daqui? Então, depende de com quem... Eu acho que esse é que é o problema. Dividir não é o problema não. O problema é você se entrosar com o outro, não é? E não ter atrito. Isso que é difícil. Você tem que achar sua cara metade nessa coisa toda.

M.C. Professora (Rosa Magalhães), a próxima pergunta vem da Carla Meireles, nossa integrante da iniciação científica. “Rosa, você é uma grande vencedora, recebeu muitos prêmios tanto no carnaval quanto fora, tem reconhecimento de público e de crítica, você já ganhou Emmy...” Parará pão duro... Ela faz quase um apanhado de todos os prêmios que ela pesquisou, e eu não vou repetir porque a lista é enorme. E ela pergunta: qual é grande projeto que você ainda não realizou?



R.M. Olha: eu estou com vários projetos por aí esse ano. Estou fazendo um projeto de um musical, que eu acho que vai acabar saindo, que se chama “A turma do faz de conta”. E já tem alguns compositores... É tudo música inédita... E eu acho que, saindo, vai ser bem legal. Quem está escrevendo é Thereza Falcão, que vai dirigir também. Eu vou fazer o cenário e figurino. E já fiz outras peças com ela. Inclusive, “Um chamado às galinhas”, que era muito engraçada... O (Sérgio) Loroza, por exemplo, era um frango grande. (Risos) Era muito engraçada a peça, era muito engraçada. E aí ela, agora, está escrevendo novela para a TV. Fez essa do descobrimento... Essa que teve agora do navio, do descobrimento... Como era mesmo o nome?

*M.C. É essa do Dom Pedro I, do Dom Pedro II? É essa? Leopoldina?
Essa histórica?*

R.M. É! É essa daí! Aí ele disse: “ah, eu estou fazendo uma novela nova, tenho que acabar de fazer a novela.” Então, acaba logo para a gente encarar... E agora já vamos fazer até uma reunião aí. Não sei se é pelo celular, se não é no celular, de que jeito que é... Já para ter umas ideias. Mas eu estou em contato com essa coisa chamada Mapping, que você pode transformar os cenários... Já sai um pouco mais barato do ponto de vista de confecção. É mais fácil de você transportar, e dá uns efeitos fantásticos. Eu disse: olha, eu queria que fosse uma coisa mágica. E a mágica tem que acontecer no teatro. Teatro sempre é mágico. Então, eu acho que vai acontecer uma mágica, sim, sabe? Se for falar de uma coisa gelada, vai nevar no teatro... Sabe como? Tem essa coisa assim, tipo, Broadway, sabe? A Broadway tem essa coisa



fantástica, de te cativar. Você vai ver peça infantil, musical infantil porque é super bem montada e deslumbrante. Você acaba indo.

M.C. Professora (Rosa Magalhães), o mundo de faz de conta... A tua mãe escrevia literatura infantil. É isso?

R.M. É. Um projeto que eu coloquei na lei aí para ver se sai é uma peça que eu acho que é muito oportuna e que eu acho que não foi representada ainda, que é a história de um sujeito, que mora num país, que tem um rei; e que esse rei resolveu que todo mundo tinha que andar de costas, que negócio de andar para frente é errado. Então, me dá logo a ideia de quando você passa um troço ao contrário, que, a pessoa, ao invés de abrir a porta e entrar, ela sai de costas e fecha a porta. Sabe quando você rebobina a filme? É um pouco isso. E aí ele é condenado porque ele, realmente, era um sujeito que acha, com toda a convicção, que andar para frente é que era o certo. Então, eu imagino que esses atores, eles vão ter que ter espelhinho retrovisor igual automóvel. Porque, senão, um vai bater no outro. E aí ele é condenado a ir para uma jaula que tem uma onça para comer ele. Aí ele chega na jaula... Os guardas o colocam... Eu não vou contar a história toda, mas vou contar esse pedaço que eu acho muito engraçado... E a onça está lá e ele: ué, você não vai me comer? Eu estou preço aqui. Eu sou sua comida, onça. Você tem que me engolir. Aí a onça diz: eu não vou mais engolir ninguém. Eu já estou velha. Estou de saco cheio de ficar engolindo gente. Eu quero é ir para a floresta, ficar lá... Aí ele: o que que você acha de eu te soltar, e você ir para a floresta? E ela disse: está. Por mim, está ótimo. Você fica aí, e eu vou embora. E a

onça vai embora, e ele fica na jaula. No dia seguinte, chegam os soldados para ver se a onça tinha comido ele: mas cadê a onça? Aí ele disse: eu comi a onça. Aí não vou contar o resto. (Risos) Ele disse que tinha comido a onça. Aí dá uma confusão do caramba.

***M.C.** A senhora acha que quando? Ano que vem?*

R.M. É para o ano que vem, se Deus quiser! Lá para novembro... Porque até fazer música... Partitura... Ensaia... Canta... Nananam... Aí é para o ano que vem. Estou aqui esperando essa vacina!

***M.C.** Sim!*

R.M. Com amor e carinho!

***M.C.** Professora (Rosa Magalhães), a quinta pergunta vem da Ana Paula. Ela é ensaiadora de casal de mestre-sala e de porta-bandeira. E ela lhe pergunta: Rosa, em 1938, a fantasia de mestre-sala e porta-bandeira passou a ser um quesito de julgamento no desfile. A partir de cinquenta e oito, o quesito passou a incluir a dança do casal. Cada nota recebida pelo quesito é resultado da avaliação de roupa mais dança, indumentária mais dança. Rosa, você acredita em outras possíveis formas de julgamento desse quesito mestre-sala e porta-bandeira diferente dessa que hoje a gente vê?*



R.M.— Eu acho que pode ter mais um item, que é encantamento, que é te cativar. Eu me lembro de quando eu comecei a assistir desfile... Porta-bandeira era esperadíssima! Então, eu até falei, falei com a Lucinha: Lucinha, não faz esse negócio que as porta-bandeiras fazem. Que dança um pouquinho e, depois, sai abanando bandeira até o outro jurado, que o povo está ali para ver a porta-bandeira. Eu me lembro quando dizia assim: lá vem a Dona Fulana! Levantava todo mundo! Lá vem a Vilma! Sabe? Era um negócio, batia palma, gritava... Isso era um incentivo para a criatura. Porque ela é a alma da escola. Então, eu acho que não é só dançar bem, é cativar o povo e ir dançando para os outros que não estão julgando, mas que querem tão bem a porta-bandeira quanto ela nem imagina que ela é querida.

M.C. Ih, adorei o quesito encantamento! (Risos) Amei!

R.M. É! É tão subjetivo, não é? Mas eu acho que deveria ter.

M.C. É encantamento mesmo!

R.M. As coisas são tão fantásticas.

M.C. Seguindo! Mestre de bateria, mestre Xula é nosso iniciante científico e ele pergunta: Rosa, como é que foi a experiência de contar a história do teu grande mestre-amigo Fernando Pamplona? Ele foi mesmo essa importância toda de revolução plástica no desfile.



R.M. Foi! Eu acho que foi porque ele queria fazer uma coisa autenticamente brasileira. Deu muita visibilidade ao negro. Você vê... Geralmente, os enredos dele acabavam ou virando peça ou virando filme. Você vê “Quilombo dos Palmares” virou filme, não é? “Xica da Silva” virou filme. Se você olhar, você vai vendo as influências são muito marcantes, não é? E a gente é mistura de índio com negro. Não tem por onde... E branco! É uma misturada! Mas já fizeram aí o DNA... Todo mundo tem DNA de índio, não é? Eu não sei você com esse olho azul, verde, se tem algum DNA de índio aí. Acho que não tem não. Olha lá que bonito! (Risos).

M.C. (Gargalhada.) Magalhães...!

R.M. Diga!

M.C. Valcir Pelé, presidente dos passistas da Viradouro...

R.M. Foi! Grande! Criou a lei dos passistas e tal. Ele te pergunta: Rosa, você acha que formação acadêmica é fundamental para a construção de um enredo e para o trabalho do carnavalesco?

R.M. Não. Não é fundamental porque... Ajuda. Ajuda bastante... Inclusive, na pesquisa. Você tem uma sistemática. Começa a se fazer pergunta... Mas, se a pessoa tiver um espírito investigativo, curiosidade, eu acho que consegue fazer coisas muito interessantes. Não é obrigatório. Ajuda um bocado. E eu acho que quanto mais a gente estuda melhor é. Não é? Eu acho que é muito bom.



M.C. Estudar nunca é demais, não é, Rosa (Magalhães)?

R.M. É. Nunca é demais. Eu digo: ah, vou começar a estudar agora na pandemia, mas não é... Eu sou sem vergonha. Eu preciso de um professor que diga... Eu estava estudando russo. É muita loucura estudar russo. Mas eu disse assim: mas eu vou estudar... Já estava naquelas frases assim: o gato está debaixo da mesa. O cachorro latiu. (Risos). Isso em russo é uma dificuldade! Porque tem as conjugações... É igual alemão também, tem as declinações todas, igual latim. É um negócio complicado para danar. Fora que as letras são ao contrário! Então, meu nome é o com P. Em vez de Rosa, é P, O, Z, A. Mas lê Rosa, em russo. Eu fui a Moscou e eu estava sentada hall do hotel lendo o letreiro da outra loja que ficava do outro lado da rua. E aí, de repente, eu: ih, slot! Ali é cassino! Lá fui eu jogar! Porque eu descobri que aquele troço era slot, aquelas maquinhas de botar moeda.

M.C. Professora (Rosa Magalhães), comecei lhe enchendo de perguntas minhas; depois, lhe enchi de perguntas dos nossos iniciantes científicos acadêmicos e, agora, eu passo para a professora Tania (Clemente), que tem uma pergunta para a senhora; e professora Tania (Clemente) encerra e lhe agradece...

R.M. Está ótimo!

M.C.... pela participação. Muito obrigado por você aceitar estar com a gente aqui e lá na revista com essa entrevista! Tania (Clemente), amada, é com você!



● ● ●

T.C. Rosa, se você quiser, a gente pode falar um pouquinho de russo... (Risos) Então, Rosa (Magalhães), as pessoas colocaram algumas perguntas aqui no chat, e tem uma que eu formulei a partir do que li aqui: o Arlindo é homenageado como carnavalesco ou como sujeito?

R.M. Uma coisa é grudada na outra! Você não pode compartimentar: aqui vem o Arlindo... Nasceu e... Aqui é o Arlindo que foi trabalhar não sei onde... Aqui é o Arlindo que era amigo do fulano... É uma coisa só! Você não fatia assim as pessoas igual quarto, sala, cozinha e banheiro. É um negócio só. É igual massa de bolo. Dá um grude, entendeu? (Risos)

T.C. Você afirmou, no meio da nossa conversa, que é um enredo muito difícil. Homenagear o Arlindo dada a proximidade... A amizade sua com ele. Aí eu pergunto: difícil porque você não pode fatiar, mas, ao mesmo tempo, você tem que criar uma personagem que vai desfilar na avenida. Será que todo mundo sabe quem é o Arlindo?

R.M. Vai aprender! Vai aprender quem é. Muita gente sabe, muita gente quase não sabe. Nem se lembra de certas coisas, dos desfiles dele nem nada. Ele trabalhou muito no Salgueiro. Depois, ele foi para a Mocidade. E quando o Castor saiu da Mocidade... O Luizinho... O Castor deu o telefone dele para o Luizinho. O Luizinho o chamou, e ele foi para a Imperatriz. Fez grandes carnavais na Imperatriz. Mas, ao mesmo tempo, ele estava lá no Theatro Municipal; depois, ele foi para a TV Globo; depois, ele foi para a TVE; depois,

ele foi para a TV Manchete. Então, ele rodou por aí. Esse lado de televisão, eu vou deixar um pouco de lado porque são outras circunstâncias. Eu vou me pegar mais para o lado do espetáculo, do carnaval, da criatividade etc.

T.C. *Então, está bom. Muito obrigada!*

M.C. *Professora! Professora! Tania, tudo bem aí? Tudo okay?*

T.C. *Tudo okay.*

M.C. *Saiu exatamente o que a gente esperava, não é?*

T.C. *A revista vai sair em dezembro (2020). Em novembro (2020), vai sair a do OBCAR. E a entrevista com a Rosa (Magalhães) é o número de dezembro (2020) para entrar em destaque.*

M.C. *Está.*

R.M. *Está ótimo.*

M.C. *Magalhães, Magalhães! Magalhães, a gente te agradece demais e, já que a gente pertence ao Museu Nacional, já que a gente está lá no Fórum, já que a professora Tania (Clemente) é membro de lá, me conta uma coisa: qual é a tua relação com o Museu Nacional? Antes do incêndio, você ia lá? Como você viu o incêndio? Me fala do Museu Nacional, amada!*

R.M.— Olha, é um choque, não é? Primeiro que incêndio é uma coisa horrível. Segundo, você perder tanta coisa... E sabendo das dificuldades... Me chamaram para ajudar lá... Um vez, ele iam fazer um desfile, uma festa... Eu não me lembro o que que era. Precisava de uma assessoria lá de roupa de época. Eu fui lá para dar uma ajeitada para ter uma cara de roupa de época e tal. Aí você vê aquele lugar maravilhoso... A tábua cedendo no chão... Dá até medo de andar. Aí certos lugares super bem conservados. Por exemplo, eu fui a um convento lá no Maranhã, onde o Padre Vieira fez os sermões dele e tudo: está perfeito. Super bem conservado. Até o poço de onde eles tiravam água está lá intacto. É uma beleza. Isso toca muito o coração da gente. De ver o carinho... Você chega na Casa França-Brasil... Aquele prédio é deslumbrante. E aí um bem desse, recheado de outros bens pega fogo... É muito triste. Eu me lembro de que, quando eu fui lá nesse do Maranhã, tinha um bombeiro ensinando as pessoas a como usar extintor, como que quebrava o lacre... Todo mundo tinha que apertar o negócio do extintor para ver onde é que colocava: se era de água, se era para eletricidade... Então, isso é o mínimo. É o que a gente tem que fazer também no barracão. Tem que ter também no barracão isso para evitar catástrofe porque é um foco de incêndio. Tem muito material inflamável. Então, tem que ter, não pode ignorar isso. Os outros países, você vê tudo cheio de protocolo, de “pode, de não pode”. E aqui uma total avacalhação! Ninguém quer saber... Não é da diretoria do Museu não! Isso aí é falta de verba. Tem que ter um pouco de amor por aquele espaço, de carinho e de preservação. Você vê que roubam metade das estátuas nas praças...

M.C. *Ôh, Rosa (Magalhães)!*



R.M. Os óculos do Drummond... Os óculos do Drummond, me deixa danada! Não é? Coisa feia! Diga!

M.C. Os óculos do Drummond... Magalhães, última pergunta e a gente vai sair: os jornalistas estão me infernizando, os jornalistas estão quase dando na minha cara se eu não te perguntar...: como é o retorno de Rosa Magalhães, a maior vencedora da Era Sambódromo, a essa escola chamada Imperatriz, que é a tua cara, tu é a cara da escola, e como é isso, o que tu acha disso, como tu te sentes, como é a volta e parará pão duro?

R.M. Pois é. Eu voltei só metade porque não posso ir lá, não é? Eu voltei, estou trabalhando, mas, no local mesmo, não pude ir. Já falei com várias pessoas. É uma honra muito grande. Eu fico muito satisfeita. E o Luizinho, que me ligou, veio aqui em casa e tudo, falou comigo... E aí, depois, uns quinze dias depois, aquela surpresa desagradável que todo mundo teve. Mas eu acho muito bom, fico muito satisfeita. Acho que o Leandro fez muito bem à escola este ano. Tanto que ganhou, graças a Deus! E aí a escola vai voltar para o Grupo Especial.

M.C. Um beijo! Obrigado!

R.M. Eu que agradeço para você! Depois, a gente se encontra para focar e fazer um jantarzinho esperto.



● ● ●

M.C. Milton Cunha – Obrigado!

R.M. Até logo, obrigada!

T.C. Obrigada, Rosa! Foi maravilhoso!

M.C. Professora Tania (Clemente), se despeça!

R.M. Tchau, tchau, meu anjo! Boa noite!

M.C. Tania, um beijo! Um beijo, Tania! Tchau, gente! Obrigado por terem assistido! Essa foi a live do Observatório de Carnaval, que pertence ao LABEDIS, ao Laboratório de Discurso, Imagem e Som, do Museu Nacional. Essa é a professora Tania (Clemente), nossa decana, nossa líder, que teve a ideia de fazer um capítulo especial com a mestra Rosa Magalhães na revista Policromias de dezembro (2020). Muito obrigado e até a próxima! Tchau, tchau, tchau, gente! Beijos, beijos, beijos!